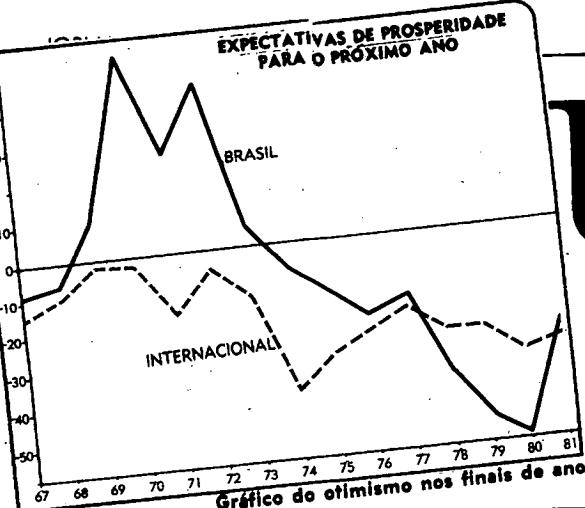


Economia - Brasil

# UM DIFÍCIL 1982

Uma pesquisa feita em 28 países mostra que a expectativa para 1982 é pessimista na maior parte do mundo. Desemprego, greves e até uma guerra são os maiores temores.



Tempos difíceis estão reservados para o futuro imediato da humanidade, a começar pelo próximo ano, que não será bom, com desemprego, greves, conflitos internacionais e até a possibilidade de uma terceira guerra mundial. Essa expectativa pessimista é predominante tanto nas Américas como na Europa e na Ásia, onde, em 28 países, a população foi ouvida pelo Instituto Gallup para, através de uma pesquisa, saber o que se espera do próximo ano.

O sociólogo Carlos Eduardo Meirelles Matheus, diretor do Gallup em São Paulo, explica que essa pesquisa é feita anualmente, utilizando os mesmos critérios e perguntas, por quase todas as agências do Instituto no mundo: "Há cerca de 70 Gallups em todo o mundo, independentes entre si. Nessa época, as que quiserem fazem essa pesquisa, cujos resultados são depois intercambiados."

A comparação entre os resultados permitiu saber, por exemplo, que apenas 11 dos 28 países que enviaram suas pesquisas acreditam que 82 será um ano melhor do que 81. Entre os otimistas, destacam-se os sulamericanos, inclusive o Brasil. Na Europa, apenas a Suíça, Noruega e Suécia crêem num ano novo melhor, mesma crença majoritária do Japão, Coréia e Austrália. O povo atualmente mais otimista, entretanto, talvez por estar atravessando uma fase de redemocratização é o grego: 72% dos gregos acreditam que 1982 será um ano melhor do que o que se encerra hoje.

Encabeçada pelos belgas, a população de 12 países europeus está pessimista quanto ao próximo ano, acreditando que ele será ainda pior do que este. O mesmo ocorre em toda a América do Norte, onde 44% dos canadenses e norte-americanos esperam um ano pior, assim como na Índia, onde 58% da população está pessimista.

Há um declínio no otimismo mundial, notado praticamente desde 67, tendência que o Brasil acompanha. Nossa último grande ano de otimismo foi 1970, seguido de uma abrupta queda que durou dez anos, juntamente com o mundo todo, que amargou na maior parte desse período as consequências do boicote árabe, iniciado em 73. O otimismo só voltou a se revigorar um pouco em 80.

Apesar de o ânimo dos brasileiros, representados pelos resultados da pesquisa nas duas maiores regiões metropolitanas do País, Rio de Janeiro e São Paulo, ter melhorado um pouco, a maioria das pessoas acredita que o desemprego vai aumentar em 1982. Esse temor se manifesta principalmente entre os cariocas: lá, 61% das pessoas acham que o desemprego vai aumentar; em São Paulo, 49% das pessoas pensam o mesmo. E o me-

do do desemprego é maior na classe de maior poder aquisitivo, em São Paulo: a classe A pesa com 60% na pesquisa, contra 45% da classe D. Mas o temor do desemprego já foi maior tanto no Rio Janeiro como em São Paulo, mas uma vez no pessimista ano de 80.

No resto do mundo, apenas os otimistas gregos e, mais ainda, os japoneses — apesar do fantasma da robotização da indústria — acreditam que a oferta de emprego vá aumentar em 82. Entre os outros 26 países que esperam o contrário, a Holanda se destaca, com nada menos que 86% de sua população contando com o desemprego, um número seguido de perto pelos belgas e hindus.

Em relação às greves e desentendimentos entre patrões e empregados, a expectativa de paulistas e cariocas é de que elas vão continuar ocorrendo, apesar de que essa previsão caiu em relação ao ano passado, quando mais pessoas esperavam conflitos trabalhistas. Mais uma vez, são as classes privilegiadas que temem esses acontecimentos. No quadro internacional, os gregos ficaram sós em sua opinião positiva, enquanto os demais países dividiram-se em achar que a situação atual vai piorar ou manter-se.

Entre os seus temores, as famílias de maior poder aquisitivo acumulam também o de que 1982 será um ano agitado por muitos conflitos internacionais. E nisso que crêem 45% dos paulistas e 51% dos cariocas.

Apesar os gregos (36% deles) acreditam que 82 será um ano de paz. 37% dos noruegueses também confiam nessa possibilidade, mas a maioria do país, como outros 24, acredita mesmo que o ano será agitado. Equador e Suécia acham que a situação atual se manterá.

Os 1.195 brasileiros ouvidos em São Paulo e Rio de Janeiro parecem ter deixado de lado o otimismo quando lhes foi perguntado quais são as chances de um conflito envolver todas as nações nos próximos dez anos: 30% dos entrevistados acreditam que há mais de 60% de possibilidade de acontecer a terceira guerra mundial.

O número é ainda mais surpreendente quando comparado com os resultados de outras pesquisas, que demonstram que 27% dos americanos temem esse conflito nos próximos dez anos, contra 21% dos europeus e 23% dos habitantes dos outros continentes. A maioria da população mundial, contudo, acredita mesmo que há entre 10 a 50% de chances de esse conflito acontecer, enquanto que apenas menos de um quarto da humanidade não crê nessa possibilidade. Aqui, os grandes otimistas, surpreendentemente, são os chilenos, seguidos de perto, é claro, pelos gregos.